



Teresa Lopes
com ilustrações de Sara Costa

Histórias Que Acabam Aqui

contos para a infância

Título

Histórias Que Acabam Aqui

Texto

Teresa Lopes

Ilustrações

Sara Costa

Editor

Victor Domingos
editor@arcosonline.com

Data de edição

Abril de 2005

Edição



Edições ArcosOnline.com
www.arcosonline.com

Este trabalho encontra-se registado nas entidades competentes, tendo atribuídos números de ISBN e de Depósito Legal, sendo agora a sua publicação e distribuição gratuita, sob a forma de e-book, efectuada com a autorização do autor. É permitida a sua impressão e redistribuição em papel ou suporte digital, desde que isso seja feito sem propósitos comerciais e todo o seu conteúdo permaneça inalterado.

Maria Teresa Lopes



Nasceu em Arcos de Valdevez, em 1957. É professora de Português e Inglês do Ensino Básico. Colabora em ações de divulgação do livro e da leitura. Publicou um livro de poesia, *(En)cantos de Ceifa e Mosto*, um de contos para a infância, *Histórias que acabam aqui*, e tem trabalhos incluídos em outras publicações.

Sara Costa



Nasceu em Braga, em 1979. Frequentou a Escola Superior de Belas Artes, do Porto, e a Universidade de Aveiro, em Design. Ilustrou *Histórias que acabam aqui* e está representada na revista *Quantos ledores, tantas as sentenças, cadernos de poesia 1*.

Histórias Que Acabam Aqui

A Abóbora Menina

*Para a Inês,
que também um dia voará.*

Brotara do solo fecundo de um quintal enorme, de uma semente que mestre Crisolindo comprara na venda. Despontava por entre uns pés de couve e mais algumas abóboras, umas suas irmãs, outras suas parentes mais afastadas.

Tratada com o devido esmero, adubada à maneira, depressa cresceu e se tornou em bela moçoila, roliça e corada.



Os dias corriam serenos. Enquanto o sol brilhava, tudo era calma naquele quintal. Sombra dos pés de couve, rega a horas devidas, nada parecia faltar para que todos fossem felizes.

As suas conversas eram banais: falavam do tempo, de mestre Crisolindo e nunca, mas nunca, do futuro que os aguardava.

Mas Abóbora Menina, em vez de se dar por satisfeita com a vida que lhe havia sido reservada, vivia entristecida e os seus dias e as suas noites eram passados a suspirar.

Desde muito cedo que a sua atenção se virara para as borboletas de cores mil que bailavam sobre o quintal. E sempre que alguma pousava perto de si, a conversa não era outra se não esta:

–Dizei-me, menina borboleta, como fazeis para voar?

–Ora, menina abóbora, que quereis que vos diga? Primeiro fui ovo quase invisível, depois fui crisálida e depois, olhe, depois alguém me pôs estas asas e assim voei.

–Como eu queria ser como vós e poder sair daqui, ver outros quintais.

–Que me conste, vós fostes semente e vosso berço jaz debaixo desta terra negra e quente. Nunca por aí andámos, minhas irmãs e eu.

A borboleta levantava voo e Abóbora Menina suspirava. E suspirava. E de nada serviam os consolos de suas irmãs, nem o consolo dos pés de couve, nem o consolo dos pés de alface que cresciam ali perto e que todas as conversas ouviam.

Certo dia passou por aqueles lados uma borboleta mais viajada e foi pousar mesmo em cima da abóbora. De novo a mesma conversa, os mesmos suspiros.

Tanta pena causou a abóbora à borboleta, que esta acabou por lhe confessar:

–Já que tamanho é vosso desejo de voar e dado que asas nunca

podereis vir a ter, só vos resta uma solução: deixai-vos levar pelo vento sul, que não tarda nada aí estará.

–Mas como? Não vedes que sou roliça? Não vedes que tenho engordado desde que deixei de ser semente?

E a borboleta explicou à Abóbora Menina o que ela devia fazer.

A única solução seria cortar com o forte laço que a ligava àquela terra-mãe e deixar-se levar pelo vento.

Ele não tardaria, pois umas nuvens suas conhecidas assim lhe haviam garantido. Mais adiantou a borboleta que daria uma palavrinha ao tal vento, por sinal seu amigo e aconselhou todos os outros habitantes do quintal a segurarem-se bem quando ele chegasse.

Ninguém gostou da ideia à excepção da nossa menina.

–Vamos perder-te! – lamentavam-se as irmãs.

–Nunca mais te veremos. – sussurravam os pés de alface.

–Acabarás por mirrar se te desprendes do solo que te deu sustento.

Mas a abóbora nada mais queria ouvir. E logo nessa noite, quando todos dormiam, Abóbora Menina tanto se rebolou no chão, tantos esticões deu ao cordão que lhe dera vida, que acabou por se soltar e assim permaneceu, liberta, aguardando o vento sul com todos os sonhos que uma abóbora ainda menina pode ter na sua cabeça.

Não esperou muito, a Abóbora Menina. Dois dias passados, logo pela manhãzinha, o vento chegou. E com tal força, que a todos surpreendeu.

Mestre Crisolindo pegou na enxada e resguardou-se em casa. As flores e as hortaliças, já prevenidas, agarraram-se ainda mais à terra.

Só a abóbora se alegrou e, peito rosado aberto à tempestade, aguardou paciente a sorte que a esperava.

Quando um remoinho de vento pegou nela e a ergueu nos ares, qual balão liberto das mãos de um menino, não sentiu nem medo, nem pena de partir.

-Adeus, minhas irmãs!... Adeus, meus companheiros!...

-Até... um... dia!...

E voou direitinha ao céu sem fim!...

Para onde seguiu? Ninguém sabe.

Onde foi parar? Ninguém imagina.

Mas todos sabem, naquele quintal, que dali partiu, numa bela tarde de vento, a abóbora menina mais feliz que algum dia poderá haver.

O Soldadinho de Saco às Costas

*Para o João Pedro,
que nunca prove o gosto do inimigo.*

Tolentino Esteves da Silva nasceu, por assim dizer, soldado.

Na noite em que veio ao mundo, seu pai logo profetizou: um rapagão assim só pode servir nosso mestre e nossa pátria.

Não podiam ser para ele os rebanhos que a família guardava havia séculos, nem o amanho da terra que a alimentava. Destino maior teria Tolentino e assim estava decidido.

Quando completou dezoito anos, o pai mandou-o inscrever-se no exército, conforme prometera à sua nascença. E poucos meses volvidos chegou a carta que mandava Tolentino apresentar-se no quartel mais próximo.

A mãe juntou-lhe alguma roupa, um pedaço de presunto, meia dúzia de chouriças, um naco de pão e enfiou tudo num saco. Lágrima de mãe no canto do olho, disse-lhe que fosse em paz e pediu-lhe que nunca se esquecesse dela.

O pai, esse estava orgulhoso.



Tinha, finalmente, chegado o dia de mostrar àquela aldeia, que ficava nos confins da serra, que dali também partiam homens guerreiros, como sempre ouvira dizer que tinham sido seus antepassados.

Por isso ninguém lhe viu uma lágrima que fosse, embora elas estivessem todas a correr para dentro do peito e a magoarem-lhe a alma.

Dois dias e duas noites foi quanto Tolentino levou a chegar ao quartel. Apresentou-se, deram-lhe uma farda, uma arma, um número para pôr ao pescoço e disseram-lhe:

–Tens que obedecer aos teus superiores. Fazer tudo que te mandam, ouviste bem?

Sim, senhor, que bem ouvira e que bem entendera. Que tudo faria a gosto de suas senhorias. Pois não era para isso que ali estava?

Depressa passou o tempo da recruta. Tolentino, bem mandado e forte como era, foi considerado um dos melhores. E que orgulhoso que ele estava. Não podia esperar mais pela hora de ir para a guerra, lutar contra o inimigo.

–Onde está ele, meu capitão? Onde fica a guerra, meu sargento? Quero ver a cara desse malandro já, meu cabo!

Os três entreolharam-se, admirados. Tanto empenho e tanta dedicação daquele soldado durante a recruta deviam ter-lhe afectado o pensar. E depois de uns segundos de silêncio, disse o capitão a Tolentino:

–A guerra acabou, bom homem. Tu, bravo soldado, mataste o inimigo.

–Mas como, se nunca eu vi a cara do safado?!

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

